

Rússia e Ucrânia sobem o tom em negociação com Donald Trump

Rússia será inflexível quanto a cessão de territórios; Ucrânia pede respeito às regras



Presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, "falou grosso" em seu discurso no Parlamento holandês

Por Igor Gielow (Folhapress)

Com EUA e Europa concordando que a paz na Ucrânia está mais próxima do que nunca em quase quatro anos de guerra, tanto Moscou como Kiev subiram o tom na terça (16), visando manter força nas negociações de Trump.

No governo de Vladimir Putin, a palavra de ordem é inflexibilidade: tanto a chancelaria quanto o Kremlin rejeitaram ceder em seus termos centrais: a cessão das quatro regiões que a Rússia anexou ilegalmente no vizinho em 2022 e a neutralidade militar de Kiev.

Já o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, aproveitou a sua vez à mesa com os negociadores americanos, em duas rodadas no domingo (14) e na segunda (15), e falou grosso. Disse que a Rússia "tem de aceitar que há regras no mundo", que "o agressor tem de pagar" e que "criminosos não mudam em um dia". Ele discursou no Parlamento da Holanda, país que visitou após os dois dias de negociação com americanos e europeus em Berlim, encerrados com um jantar na noite de segunda. Nas conversas, ele fez sua contraproposta às demandas maximalistas de Moscou.

Pressionado por Trump, Zelenski admitiu perdas territoriais, "um tema doloroso" e impopular: 75% dos ucranianos são contrários, segundo pesquisa publicada na segunda, à entrega dos 20% que restam da região de Donetsk (leste) para os russos.

Além disso, o ucraniano disse

que renunciaria à pretensão de ingressar na Otan, a aliança militar ocidental, desde que haja garantias de seguranças robustas contra uma nova invasão russa.

Os europeus se dispuseram a montar uma força de paz, e o monitoramento da trégua seria feito pelos americanos. Há outros detalhes circulando: nesta terça, o premiê polonês, Donald Tusk, disse que a proteção dos EUA inclui a promessa de agir militarmente contra a Rússia se o pacto for quebrado.

"[O negociador Steve] Witkoff deixou claro que os EUA fornecerão garantias de tal forma que os russos não terão dúvidas de que a resposta americana será militar. Então, de certa forma, é semelhante ao artigo 5, mas eu não me referiria diretamente a ele porque isso só poderia complicar futuras negociações", disse.

O polonês, que participou do jantar na segunda, se referia ao mecanismo da Otan que exige defesa mútua em caso de agressão. Como bem notou, a terminologia é tóxica em Moscou.

O vice-chanceler Serguei Riabkov afirmou à agência Tass que a presença de forças internacionais no vizinho é inaceitável para Moscou, até porque forçar a neutralidade de Kiev era um dos "casus belli" de Putin em 2022.

Ele e o porta-voz Dmitri Peskov ressaltaram, contudo, que ainda não há uma comunicação oficial dos EUA sobre os termos na mesa, então seria prematuro discuti-los. Mas Peskov voltou a dizer que a Rússia

não aceitará uma "trégua temporária" até o Natal. "Nós queremos a paz definitiva", disse, ou seja, com seus termos contemplados.

Na Holanda, Zelenski disse que "todos os detalhes importam" na negociação. "Se o agressor receber um prêmio, ele começará a acreditar que a guerra vale a pena. O agressor tem de pagar", disse, ressaltando que o debate sobre as garantias é tão importante quanto o cessar-fogo em si.

Na véspera, Trump e líderes europeus haviam dito que o fim do conflito estava próximo, sugerindo com isso que Zelenski havia feito concessões e que a bola estaria agora com Putin.

O anfitrião do ucraniano nesta terça, o premiê Dick Schoof, reforçou esta linha. "Agora vamos ver se Putin quer mesmo a paz, e veremos isso nos próximos dias", disse, antes de instalar uma comissão de reparações de guerra para o caso da trégua.

O tema é controverso. Nesta quinta (18), a União Europeia irá definir se usa as reservas russas congeladas em seu território para lastrear um meagrepréstimo a Kiev. A Rússia já disse que vai a cortes internacionais contra o que chama de roubo, e não há consenso entre os europeus sobre o tema.

Já o rearmamento do continente, ante o anunciado desengajamento de Trump da defesa da Europa, segue de vento em popa. Os líderes do flanco leste da Otan se reuniram em Helsinque para definir projetos militares conjuntos sob o guarda-chuva da UE, algo que também não é unânime no bloco.



Justiça de Hong Kong considerou Jimmy Lai culpado

Lai é considerado culpado sob a Lei de Segurança Nacional em Hong Kong

O magnata da mídia Jimmy Lai, 78, preso desde 2020 em Hong Kong, foi considerado culpado na manhã desta segunda-feira (14), no horário local, por acusações de violar a Lei de Segurança Nacional imposta por Pequim à cidade em 2020.

Lai será sentenciado com base nas acusações de sedição e conluio com forças estrangeiras, que prevê prisão perpétua como pena máxima. A próxima etapa do processo será a audiência de atenuação da pena, marcada para começar em 12 de janeiro. A condenação será proferida após essa fase.

O veredito foi anunciado após um julgamento que durou 156 dias, gerou 855 páginas de decisões judiciais e passou a ser visto como um marco da aplicação da Lei de Segurança Nacional de Pequim sobre Hong Kong.

Uma das juízas do caso, Esther Toh, afirmou que Lai demonstrava "ódio e ressentimento" em relação à China e que seus depoimentos ao tribunal foram inconsistentes, contraditórios e não confiáveis.

Fundador e dono do jornal pró-democracia Apple Daily, que encerrou suas atividades em 2021 após uma ofensiva das autoridades, Lai é a figura mais proeminente julgada até agora sob a Lei de Segurança Nacional em Hong Kong.

A sessão contou com a presença do réu, que vestia um casaco e um cardigã verde-claro e acenou para familiares ao entrar no tribunal. Sua esposa e um de seus filhos acompanharam a audiência.

Apoiadores do magnata, incluindo organizações de jornalistas e leitores do Apple Daily, permaneceram dentro e fora do tribunal durante o anúncio do veredito. Alguns passaram a noite na fila em busca de uma das 507

autorizações para acompanhar a sessão no plenário.

Durante o período de detenção, Lai passou mais de 1.800 dias em confinamento solitário, segundo sua defesa. Familiares e organizações de direitos humanos afirmaram que sua saúde está deteriorando, uma vez que ele é diabético, hipertenso e sofre de problemas cardíacos. Também foram denunciadas restrições no acesso a tratamento médico adequado.

Lai foi preso em agosto de 2020, suspeito de crimes relacionados à Lei de Segurança Nacional, imposta a Hong Kong em resposta aos protestos ocorridos em 2019 na região. As manifestações eram contrárias à liderança local por seu alinhamento a Pequim, tinham teor pró-democracia e desafiavam a liderança do Partido Comunista Chinês.

Os promotores do caso afirmam que Lai utilizou o Apple Daily para publicar material considerado sedicioso entre 2019 e 2021 e para realizar conluio com forças estrangeiras entre 2020 e 2021.

Segundo a acusação, o magnata violou a legislação ao trabalhar com políticos estrangeiros e ativistas, incitando "sanções, bloqueios ou outras atividades hostis" (SBHA, na sigla em inglês) contra o país, o que representaria um risco à segurança nacional. Foi alegado ainda que a cooperação entre Lai e forças no exterior era de longo prazo.

Ele também foi apontado como mentor e financiador do grupo "Fight For Freedom. Stand With Hong Kong." ("Lute pela liberdade. Apoie Hong Kong", em português), que, de acordo com os promotores, pressionava países por sanções contra a China e Hong Kong.

Lai sempre negou as acusações.
Por Victoria Damasceno
(Folhapress)